



## Na fronteira da terra de ninguém

At the border of no man's land

Lucas Barroso<sup>1</sup>  
zettell@gmail.com

Alvos. Helicópteros. Armas. Uma galinha enforcada. Parece uma guerrilha. É assim que se apresenta, logo na abertura, o site da organização não-governamental de Guillermo Gómez Peña, o Pocha Nostra. Nele, o internauta se depara com frases e estímulos visuais próximos a uma cultura indígena. Então, "bienvenidos a la frontera". Essa é a saudação. Só que a fronteira de Gómez Peña não limita ou delimita duas terras ou culturas. A fronteira de Peña é um lugar próprio, peculiar e global. E esse lugar tem como meta dissolver os limites culturais e de gênero.

Para compreender melhor é importante falar do site. O Pocha Nostra é utilizado por Gómez Peña para divulgar seu manifesto, composto por diversos conceitos artísticos/ativistas, que prega o fim das linhas existentes entre arte e política, prática e teoria, artista e público. A intenção é promover uma organização de arte transdisciplinar e entrelaçada por esses ideais. O manifesto, em sua essência, quer propagar e unir artistas numa rede de diversas experiências étnicas, um laboratório conceitual, onde se diluem e se radicalizam comunidades efêmeras num único *vitro*: a arte. E o resultado dessa arte? Uma miscelânea de experiências e sensações, na qual a intenção de produzir estímulos é o que norteia todos. O *site* elucida alguns exemplos, nele se pode ver e ouvir fotos, artigos, vídeos, DVDs. Secos e molhados de artes cibernéticas. Uma quitanda maluca. São experimentos e produtos audiovisuais que produzem inevitáveis e improváveis sensações nos receptores. A palavra híbrido piscou sob olhos em algum momento. Assim, logo de cara, quem vê e ouve essa maçaroca pode não degluti-la facilmente. Ou, quem sabe, ficar confuso em relação à língua ou à temática. Normal. Pois a intenção dessa trupe de alienígenas, meio índios, meio travestis, é exatamente essa: misturar.

Esse "cartel de bastardos" que é o Pocha Nostra foi fundado em Los Angeles, Califórnia, EUA e existe desde 1993. O grupo, que se tornou uma organização não-governamental, composto por cerca de 30 artistas/ativistas de diversos países cadastrados e unidos por Peña, realiza eventos por vários cantos do mundo. A

<sup>1</sup> Aluno do curso de Jornalismo da Unisinos.

intenção é debater nosso tempo, divulgar essa globalização do marginal. Falando nisso...

Pocha Nostra, o site e o manifesto juntamente, é multimedial, é global. E se é assim, não tem Estado-Nação algum. É uma aldeia global marginalizada e fora do mapa, que fique bem claro. Numa brincadeira hipotética, Marshall McLuhan teria de se fazer índio ou se travestir de transexual para fazer parte dela, por exemplo. Uma globalização das culturas dos excluídos. Da cultura TexMex, indígena, cibernética e transexual. Dos sei lá quem! Então, tome palavras soltas e jogadas na cara. Em inglês, espanhol e espanhol faladas por uma voz mecânica no computador. Tudo num clique. Num clipe. São performances nas ruas. Em galerias de arte onde o espectador interage e modifica a própria arte. Com o clique ou não. Agora você vê fotos de pessoas miscigenadas em outras espécies étnicas, ciberhumanos, travestis-indígenas. Agora, você respira e perde um pouco de ar e pensa todo o processo que passou por sua vista fatigada das mesmas comidas enlatadas da dispensa. Essa sua dispensa é sempre a sua dispensa. Você se vê latino-americano. Você se vê como não queria. Um espelho torto. Quem você pensa que é?

É assim. Tudo que não tem ligação está interligado. Não somente no manifesto Pocha Nostra, mas no fim dele: a arte bruta. E essa ligação se dá por fios suscetíveis que podem ser cortados ou plugados por qualquer um. Basta ter algo cortante em mãos. Basta ter algo a dizer. Basta se equilibrar na própria linha. É como um parágrafo desconectado do texto. Que não diz nada aparentemente. Mas que está ali porque tem de estar. Há algum motivo aparente em tudo que nos rodeia. Não temos essa cara por sorte ou azar. Não temos digitais em nossas identidades de graça. Somos.

E são artistas desconectados da arte, esses *pochos*. Tanto que a palavra *pochos* pode significar estrangeiro. E o estrangeiro tem, em seu cerne, a desconectividade de sua terra. São seres desgarrados, esses *pochos*. Todos próximos sabe-se lá da onde. Sabe-se lá de quê. Podem estar perdidos numa ilha. Podem fazer parte de uma seita num centro de cidade grande. Todos vivos e salvos e são pela Internet. Esse meio que bagunça tudo. Que devolve à arte seu lado altruísta. E detona seu maniqueísmo financeiro. É arte pela arte e ponto final. É arte respirando nas reticências dos dias. É uma tripulação pirata. Tem barco também. Tem mar revolto e calmo. Tem Deus?

Mas, no fim das contas, onde esse barco pirata, tripulado por mestiços e guiado por um cara de índio, cabeludo e grisalho, meio americano, meio mexicano, que se diz Gómez Peña, vai dar? Em que mar, meu Deus? E que ventos sopram essas velas? Nada se sabe. Há uma suspeita em relação aos ventos. Dá para apostar que são os pulmões dos poucos e loucos chicanos e mestiços que assopram para fora do mapa mundi a invisibilidade das fronteiras desse mundo velho e sem porteira. Só pode ser. Eles ainda respiram. Eles ainda têm os aparelhos e as bengalas para se apoiar. Têm a rede mundial de computadores e seu *World Wide Web*. Têm a capacidade que tem o ser humano de pôr em prática uma idéia.

Para os órfãos da globalização e para todos os Zé Ninguém da Silva surgiu a idéia do Pocha Nostra e foi colocada em prática

por seus estranhos integrantes. Seja nas ruas, seja na Internet. Porém, é perceptível uma maior identidade com a cultura latina, especialmente a chicana. Está na cara de quem vê e quer ver. Também é perceptível o ranço que existe com a cultura mais influente do globo, a anglo-saxônica. E não era para ser diferente. Percebe-se, portanto, uma saudável distância dos *nostros* em relação às vanguardas européias. É totalmente intencional. Está escrito. Está dito. Está mostrado. É um norte a ser seguido. É um seqüestro de pátria que parte para o norte da América e da Europa. O manifesto da Pocha Nostra luta e resiste contra "um mundo racista" e para tal exalta as "culturas de cor". Cores estas que parecem ocultas das paletas que pintam nossas rotinas e dão vida aos nossos dias.

Este sentimento está atrelado à idéia de reterritorialização que menciona Nestor Garcia Canclini, na qual os movimentos sociais afirmam o local por processos de comunicação de massa. Afirmam e são afirmados por estes mesmos processos, que também caminham de trás para frente. Uma "cara" ou uma "cor" se afirma e se sobrepõe a outras, por algo próximo a um darwinismo cultural, onde só os fortes sobrevivem, onde só a força bruta transmite suas "caras" e "cores" para gerações posteriores. Estas gerações não habitam, em muitos casos, o mesmo mundo do *forte*. Elas, simplesmente, recebem por proximidade seus estímulos e dotes, como que via osmose. E seguem a transmitir o que, a princípio, não era sua "cara" nem "cor". Pode-se perceber este fenômeno na relação dos países subdesenvolvidos com os desenvolvidos. Estes primeiros são, em sua maioria, fortemente influenciados pelo segundo pelotão. Dessa mistura pode resultar um mexicano que se veste e se afirma em seu cotidiano como um cantor de *hip hop*, com traços de jogador de basquete, mesmo esse mexicano tendo um metro e setenta e dois de altura. Algo que seria impensável há alguns anos atrás, mas absolutamente plausível em nossos dias. Afinal, a globalização está estabelecida exatamente para isso: quebrar fronteiras e misturar identidades.

Confundir explicando é uma das promessas globais. Não se sabe mais quem é quem. Atira-se, então, em qualquer direção. Alguém tem de morrer. Alguém tem de matar. As armas estão nas cinturas. Índio vira *cowboy* e o inverso se torna, invariavelmente, verdadeiro. É uma guerra, essa globalização. A Terra está repleta de boas intenções. Se um sujeito se entocar numa caverna, mesmo sem motivo aparente, há uma forte chance de ele se tornar um mártir de uma nova seita. Estamos vigiados. Somos contados e registrados. Até os que habitam ocas tem CPF.

Mas há uma diferença gritante em tudo isso. No manifesto apresentado no Pocha Nostra, guiado por Peña, os ativistas/artistas não buscam afirmar um local, uma terra ou uma bandeira, mas, sim, uma identidade marginalizada e miscigenada. O local é substituído pela identidade em si. Ou seja, uma cultura dos órfãos da globalização de um mundo sem fronteiras. A diferença está aí, refletida nesse bando de piratas dessa mídia *mapa mundi*.

Performance ativista e arte oposicionista são outros dos tantos lemas do manifesto. "Nosso lugar é no mundo, não só no mundo artístico" diz o documento. Algo muito próximo à idéia propagada pelo site, pôde (e sempre poderá) ser ouvida e vista

na década de 1990 no Brasil: o movimento mangue-beat. Este nasceu em Recife, capital de Pernambuco, estado situado no nordeste brasileiro, e teve como principais expoentes as bandas Chico Science e Nação Zumbi e Mundo Livre S/A. E a figura mais marcante do movimento musical era a da parabólica cravada na lama. A lama seria o chão de Recife, onde os caranguejos vivem. E a parabólica seriam os ouvidos dos artistas, antenados, como se recebessem sons do mundo. Os músicos nada mais eram que homens caranguejos tocando instrumentos e sons regionais, como a alfaia (algo próximo a um tambor) e as levadas rítmicas do coco e da ciranda. Tudo isso atrelado a ritmos universais, como o *rock*, por exemplo. Era o mundo visto pelos olhos e mãos de Recife, capital conhecida como Recifede ou *Hellcife*. Um exemplo tupiniquim de movimento anti-fronteiras que atravessou, ironicamente, diversas terras deste mundinho conectado. O curioso é que o movimento não teve uma repercussão imediata no seu próprio país. A repercussão se deu depois que o mundo voltou suas vistas grossas para cá. Um sinal de que as fronteiras não passaram, no caso do mangue-beat, de linhas imaginárias que nada dividem. Ao contrário, unem.

Há uma linha que divide dois mundos. E é nessa linha que Peña se equilibra como um circense esperando aplauso, ou melhor, como um performaceiro que nada espera senão o outro. Na rua. Na tela de uma máquina. Nas letras. Nas imagens. Em tudo isso dentro de uma máquina. Em tudo isso dentro de um homem.

Peña e suas obras estão na baderna vazia Dadaísta. Peña está derretido no Surrealismo, que escorre em suas figuras humanas cibernéticas transexuais desconexas vivas mortas mapas mudo mundo horroroso triste abatido adestrado louco normal pouco voraz roxo preto híbrido íntimo libido lambido copiado original fábrica ácido doce ingênuo besta quadrado circular chicano branco social político nu ríspido cuspidito deglutido.

Gómez, à primeira vista, é um índio cabeludo e grisalho. No site [www.pochanostra.com](http://www.pochanostra.com), apenas. Cara um pouco fechada. Poucos amigos? Fome? Feiúra? Protesto? Nascimento? Peña, que tem aparência de *viejo*, nasceu na Cidade do México, sabe-se lá quando. Na década de 1970, se mudou para os EUA, onde se estabeleceu como performaceiro. É uma ótima definição para qualquer pessoa, essa de performaceiro. Pois quem não faz performances? Gómez Peña é um homem de uma interface cultural ambígua: é México, é Estados Unidos da América. Tem oito livros publicados. Escreve poesia e crônicas. Ensaios em inglês, espanhol e espanglês. Trilingüe, portanto. Depois de tanto ir e vir, fica evidente que existe uma identidade que ainda vive nessa fronteira entre o visível e o invisível. E é aí, nesse lugar exato, nessa terra de ninguém, que Gómez Peña quer viver, fazer e desfazer sua arte.

Submetido em: 08/06/2008

Aceito em: 10/07/2008